

ALCINO DA CUNHA PEREIRA

AS TERRAS DE S. TAMEL

TAMEL, SANTA LEOCÁDIA - CARAPEÇOS (DE TAMEL) - SILVA (DE TAMEL) - S. JOÃO (DE TAMEL) - S. PEDRO FINS DE TAMEL - COUTO (SANTIAGO DE TAMEL) - CAMPO - LLJÓ - ARCOZELO - ALVITO, S. MARTINHO - ALVITO, S. PEDRO - ALHEIRA - RORIZ E TAMEL S. VERÍSSIMO.

PARTE DAS ÁGUAS DE ABADE DE NEIVA CORREM TAMBÉM NO RIO TAMEL



8(469.12)
ER

O Barcelense

1999





(Estas notas culturais foram publicadas em "O Barcelense" entre 22/5 e 31/7/1999, pelo que, neste trabalho, a expressão "na próxima semana" deve entender-se "na nota seguinte".)

ALCINO DA CUNHA PEREIRA

AS TERRAS DE S. TAMEL

TAMEL, SANTA LEOCÁDIA - CARAPEÇOS (DE TAMEL) - SILVA (DE TAMEL) - S. JOÃO (DE TAMEL) - S. PEDRO FINS DE TAMEL - COUTO (SANTIAGO DE TAMEL) - CAMPO - LIJÓ - ARCOZELO - ALVITO, S. MARTINHO - ALVITO, S. PEDRO - ALHEIRA - RORIZ E TAMEL S. VERÍSSIMO.

PARTE DAS ÁGUAS DE ABADE DE NEIVA CORREM TAMBÉM NO RIO TAMEL

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60037

*Recebu
Barcelos*

O Barcelense

1999

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

Subsidio para
una monografía
de Santa Lucía

Alonso

et quanto melius
concedam e vivam
et. P.

Introdução

Tamel ou terras de(o) Tamel

Os nomes constituem um dos primeiros valores a considerar face à realidade que nos cerca. São os termos indispensáveis para identificar as pessoas e individualizar as coisas. Sem eles não é possível o diálogo e a comunicação das ideias. A cultura torna-se impraticável ou muito difícil.

Há uma série de notas individuantes, a começar pelos nomes, que estão na base de todo o conhecimento e da conversação. Com as terras sucede o mesmo. Quem és, onde moras, o quê? São questões fundamentais em que sempre transparecem. E, conseqüentemente, quando se pretende conhecer algo de uma terra, do povo, da sua cultura e modo de viver, começamos por investigar os nomes com todo o significado que encerram. Muitas vezes apresentam os primeiros indícios de uma história rica a desvendar.

Nos últimos tempos aparecem, com frequência, novas povoações estuantes de vida, movimento e progresso, onde anteriormente só havia aridez, pântanos e matagais, ao lado de outras mais paradas, empobrecidas e em declínio, marcadas por nomes tradicionais, de grande significado. Umas, sem história, nas quais os números servem de referência, as segundas, bem modestas, mas com história rica, que os nomes perpetuam.

Um dia deixámos as margens do rio Este, da nossa infância, de águas límpidas e cheias de vida, com escalos, bogas, eirogas e trutas, nas quais o gado se dessedentava. Agora um rio morto, cloaca de Braga. No que dá o progresso mal orientado! Mais tarde encontrámos nas margens do Coura a mesma limpidez, frescura e sossego que, não obstante o surto de progresso local, perdura. Um refúgio ecológico muito procurado. Ali o presente vive de mãos dadas com o passado.

Depois vieram as Terras de Tamel. Não da conhecida "Estação de Tamel", no Vale do Neiva, mas do verdadeiro Tamel, mais a sul, do outro lado do monte. Carapeços e Santa Leocádia foram as terras de acolhimento.

Em 1962, Carapeços era uma freguesia inteiramente rural, adormecida no tempo. Sem estradas nem bons caminhos, apresentava um edifício escolar dos centenários e apenas meia dúzia de casas de adventícios, modernas e bem situadas, num cenário rústico, coberto de pátina, com raras mais a branquejar na paisagem. Eram, na generalidade, muito pobres as restantes.

A igreja e a residência constituíam as únicas estruturas paroquiais, antiquadas e em grande degradação. (Ver em "A Igreja de Carapeços", a págs. 118). Em Santa Leocádia nada era melhor, agravado por um isolamento notório em relação às vias principais.

Hoje tudo está envolto nos ventos da mudança e em perigo de se perderem os valores do passado, o que não deverá acontecer.

Mal conhecíamos, então, a vasta área do Tamel, repartida por treze freguesias e parcelas de Abade de Neiva, cujas águas também correm pelo Rio Tamel.

Para um conhecimento mais exacto do Tamel, adiantamos uma referência, que falta, aos pontos cimeiros da serra, onde se encontram a maior parte das fontes do rio, em número superior a umas seis dezenas. Partindo da sua embocadura, nas margens do Rio Cávado, e subindo pelas múltiplas linhas de água dos sub-afluentes do Rio Tamel, chegamos próximo da Senhora do Facho, na Serra de Roriz-Oliveira (250 m.), da Serra de S. Lourenço (283 m.), Pepim (253 m.), Penice (249 m.), Picotos (228 m.), Montes de Alheira (212 m.), Penegudo (278 m.), Portela, em S. Fins (303 m.), Moinhos de Vento, em Carapeços (350 m.), ao Alto da Corujeira, em Santa Leocádia (481 m.) e ao Monte da Silva, em Abade do Neiva (231 m.). O Alto de S. Gonçalo, em Fragoso, o sítio mais elevado da Serra do Tamel, nos limites de Santa Leocádia (488 m.), reparte as suas águas pelos Feitos e pelo Rio Neiva. São os pontos cimeiros que rodeiam o Vale do Tamel e o completam.

Seduzidos pela serra, de miradoiros panorâmicos e deslumbrantes, vamos tentar um melhor conhecimento do seu nome e da riqueza que a sua história encerra, deixando um apelo aos habitantes e naturais a não se quedarem por aqui, prosseguindo na mesma investigação.

A. P.

A “Estação do Tamel” um erro histórico

A palavra Tamel é um topónimo antigo e muito conhecido, que designa terras de Barcelos.

Antes de procedermos ao estudo das suas origens, advertimos os leitores para o mau uso que dele se tem feito. Amplamente divulgado, há mais de 100 anos pelos Caminhos de Ferro, tornou-se uma designação errónea ao ser dado à Estação de Tamel, na Linha do Minho. Um erro monstruoso, sem qualquer jeito, de que ninguém tem culpa ou beneficia. Mas permanece.

Desde 1882, com a inauguração da via férrea, e depois de 1886, com a sua posterior ligação a Espanha, milhões de pessoas, nacionais e estrangeiras, maioritariamente espanholas, que em todos dias atravessam as terras de Tamel, tem delas a única referência naquela estação, situada na freguesia barcelense de Aborim, pertencente ao Vale do Neiva e à sua bacia hidrográfica, quando as paragens do comboio em Carapeços e na Silva (de Tamel) se efectuem em pleno Vale de Tamel.

Diz-se que para “aprender é preciso passear ou ler”, mas quem passa pela Estação de Tamel nada aprende ao ler o nome que ostenta. É um erro histórico que gostaríamos de ver desmontado.

Mons. Manuel Baptista de Sousa, ilustre filho de Aborim, na sua “Primeira Monografia de S. Martinho de Aborim”, de 1998, dá explicação desse erro, explicação que já tínhamos lido anteriormente num trabalho inédito de Vicente Leirós.

Explica Baptista de Sousa “que a estação de Tamel recebeu esse nome do Vale do Tamel, situado a sul da Portela (lugar cimeiro da serra do Tamel, sobre o túnel que liga os dois vales, acrescentamos). Esta estação estaria programada para o sul do túnel (no Vale do Tamel), porém como a família de Vessadas Salazar possuísse largos terrenos e águas abundantes ao norte do túnel e tudo isso oferecesse para a pretensa Estação, esta acabou por ser construída entre o lugar de Cubos e Pereiro, onde se

encontra". Estes lugares, todos o sabem, pertencem ao Vale do Neiva.

Vicente Leirós, filho de Santa Leocádia e Carapeços, esclarece: "o projecto inicial previa a estação da banda de cá e que essa estação por ficar em Tamel, S. Fins, ia chamar-se Tamel. No decurso da construção da obra, os seus responsáveis consideraram vantajoso passar a estação para a outra banda. Motivo ponderoso para aditar esta alteração ao projecto terá sido o reconhecimento de ser ali mais fácil a captação de água..." (o que B. de Sousa acima melhor pormenorizou)" e a estação fez-se mesmo do outro lado" e levou para lá o nome com que teria ficado se se tivesse executado o plano inicial.

Por inadvertência ou esquecimento, foi um lapso monumental, que está na origem de um erro histórico, falseador da realidade e permanente gerador de confusão entre terras próximas e bem dadas, com prejuízo para a notoriedade de Aborim, de que ninguém beneficia. Só é de pasmar o facto de perdurar há tantos anos, mais de um século, e continuar a enganar quem lá passa!

Podemos adiantar que Vicente Leirós é uma pessoa culta e estudiosa muito interessada no conhecimento da história, linguística, música, etnográfica e folclore da sua terra, pelo que aguardamos com todo o interesse a conclusão e publicação dos trabalhos que tem entre mãos e sabemos constituir um precioso contributo para a cultura da sua terra e do Vale de Tamel. Barcelos só beneficiará. Que não esmoreça.

Por nós prometemos também algo de inédito para as próximas semanas, se Deus quiser.

A. P.

O “Senhor Carapeços”

São antropónimos os nomes de pessoas que depois, no decorrer do tempo, passaram a designar terras ou lugares, ficando aquelas no esquecimento. E se essas pessoas foram eminentes pela sua santidade tais nomes dizem-se mais apropriadamente hagiotopónimos.

Ligado ao Vale do Neiva pelo Monte Tamel e pelo túnel, que apenas deixa passar um diminuto feixe de luz devido á sua lomba o Vale do Tamel é a terra onde históica e geograficamente situamos estas notas e nos encontramos. Razão por que tentamos conhecer a história e a etimologia deste vocábulo.

Tamel tanto pode ser um simples topónimo de origem árabe, como os autores sempre ensinaram, designativo destas terras a norte da cidade de Barcelos, como derivar de um nome próprio de pessoas notáveis, caídas no esquecimento, e agora apenas servem para indicar estes sítios.

No uso diário, que todos entendem, quando se diz: sou de Santa Leocádia, de S. Veríssimo, de S. (Pedro) Fins, de S. João (antigamente dito de Tamel), da Silva (de Tamel), de Carapeços e de Tamel ou quando nomeamos por estes nomes os párocos e as Juntas respectivas, de modo algum pensamos nas pessoas identificadas por eles, mas sim nos lugares donde somos ou para onde vamos e nas terras onde as entidades referidas exercem o seu múnus e autoridade. É uma linguagem antroponímica, tão comum, que se utiliza com normalidade. Exemplificamos com os nomes citados por serem de todos os mais conhecidos por cá.

Quem diria que Carapeços e Tamel são dois paradigmáticos antropónimos, que não lembravam, e para nós constituem uma rica e surpreendente descoberta, que devemos à “Fortuna”. Ela não favorece só os audazes. Aos que se esforçam e a procuram também se manifesta quando menos se espera.

Comecemos pelo Senhor Carapeços. Do lugar de Carapeços, na freguesia de Travanca, Amarante, terá vindo o senhor João para terras de Tamel, onde moravam os magistroianos. João de Carapeços se chamava. Quem quer que fosse: sicário, guerreiro ou “homem de confiança” de famílias notáveis e poderosas pela sua riqueza ou influência pessoal, tornou-se pessoa conhecida e fez se obliterasse Magistroi, o nome primitivo desta paróquia que, desde então, passou a ser conhecida por Carapeços. Vai há muito tempo, ainda mal se balbuciava o nosso idioma. Disso não restam dúvidas pois tal se confirma pelo mais antigo documento (escrito em) português”, que se conhece, do ano de 1192, e se poderá ver inserto no livro “A Igreja de Carapeços”, de 1987, a pgs. 25-26.¹

Vicente Leirós, cujas notas referimos na semana passada, descreve com muita verosimilhança a figura longínqua de João de Carapeços, e nelas vimos pela primeira vez o qualificativo Tamel, apostro a Carapeços, a demonstrar que Carapeços não é terra de nome exclusivo, mas existe, pelo menos, outra, onde poderão estar as suas raízes.

No domingo da Ascensão de 1999, com o pároco de Carapeços (de Tamel) acompanhado de dois naturais, respondendo a um apelativo de nostalgia e curiosidade, rumamos a Travanca, em busca das nossas raízes. Encontrámos uma terra grande (em 1970 tinha 480 fogos e 2568 habitantes), bons caminhos interiores e uma gente acolhedora.

É uma terra orgulhosa do seu passado, do qual conserva o grandioso mosteiro beneditino com a sua rica igreja românica, estando o convento anexo a servir de hospital para deficientes mentais (que nos recebem), tudo bem conservado, hoje monumento nacional. D. Teresa fizera de Travanca um couto, em 1120. Terra próspera de abades donatários e capitães-mores do seu couto, pertenceu ao concelho de Ribatâmega até à sua extinção, em 1875, escreveu M. Alves e J. Matoso (In Verbo Encicl.). É uma brevíssima resenha histórica.

E basta para mostrar que a sua história é mais antiga ou pelo menos contemporânea de João de Carapeços. Lembramos que nos baseamos em documentos escritos, não em meras conjecturas:

De João de Carapeços temos a citada escritura de 1192, na qual os seus quatro filhos fazem a “partiçon e devisaon que fazemos entre nós dos erdamentos e dos coutos e das onras e padroadigos das eigreijas que foram do nosso padre e da nossa madre...” Por brevidade remetemos os leitores para o livro citado onde se encontra o documento.

Dele se poderá concluir pela não existência de uma incompatibilidade histórica de datas, que impossibilitem João de Carapeços possa ter vindo de uma terra rica e mais antiga, com nome feito, para a paróquia de Magistrói, no Vale de Tamel, antes de passar a denominar-se Carapeços, cujo nome ainda nem sequer existia.

Como lá encontrámos vivo e para durar o lugar de Carapeços, bem conhecido nas redondezas, por onde indagámos, transformado numa grande propriedade agrícola, bem cuidada, teremos de adoptar Carapeços de Tamel, para evitar possíveis confusões com esse Carapeços que antes desconhecíamos.

O encontro inesperado com as origens - tão credível - foi um momento emocionante e agradável.

Deixemos São Tamel para a próxima semana.

A.P.

Tamel e São Tamel

Não hesite o leitor ao deparar com o título S. Tamel. O S. não quer dizer serra, como se costuma interpretar, mas sim “São” de santo. É mesmo tornar conhecido Santo Tamel o objectivo desta nota.

Esta busca da origem e da história do vocábulo Tamel não ficaria completa se o não referíssemos. Tamel tem servido apenas de indicativo de uma terra fértil e linda por ele identificada desde os princípios deste segundo milénio, a terminar, como o documenta o Censual de D. Pedro, primeiro Bispo de Braga (1070-1093). Mas, na verdade, o nome Tamel, vem dos dois primeiros séculos do cristianismo e já era conhecido no tempo do Império Romano do Ocidente, que durou até Rómulo Augustulo, destituído em 476, pelo bárbaro Odoacro.

É a notícia mais sensacional e surpreendente que estamos a divulgar.

Num trabalho de 1948, “A IGREJA DE TAMEL SANTA LEOCÁDIA”, que nos propusemos agora refundir e completar, aparece “Tamel - monte, Minho, eminente ao edifício que foi mosteiro de Palme, entre Barcellos e Vianna do Minho”. Pinho Leal no seu conhecido “Portugal Antigo e Moderno”, de 1880, a págs. 482, por estas palavras localizou e fez a história do nome até ao ano 1028 (990 da Era Cristã), o que se prova, escreveu, com uma escriptura desse ano (Bened. Lusitana, parte 4ª, Cap. 1º). E acrescentava: “Tamel é mesmo a palavra árabe THAMAL. Significa - DESCUIDO, NEGLIGÊNCIA, DESPREZO, etc. - Aqui entende-se por lugar de que se faz pouco caso ou se tem em pouco”.

Olhava para as vertentes do monte Tamel, voltadas para norte, quando tomou estas notas, certamente nas proximidades do mosteiro de Palme. Mas antes, em 1874, no terceiro volume da mesma Obra, escrevia:

“Esta freguezia e as de S. Pedro Fins e de S. Veríssimo de Tamel estão cituadas no formoso e feracíssimo VALLE DO TAMEL, pelo que são férteis em todos os géneros agrícolas, e exportam muito gado, que aqui se cria hindo a maior parte do bovino para Inglaterra”.

Donde se pode concluir que pelo lado sul as palavras DESCUIDO, NEGLIGÊNCIA e DESPREZO não correspondiam ao formoso e feracíssimo vale, a que servem de moldura as vertentes deste lado do monte, escrevemos então.

Hoje, passados tantos anos, quando muitas coisas mudaram, quase se pode repetir o mesmo. A via férrea em curva larga e reentrante pela base da montanha, para suavizar a subida do combóio, continua a servir de linha divisória que a separa do vale. E, na recosta, as casas agora em maior número, sob o Alto da Corujeira e de S. Tomé, continuam a rebrilhar ao Sol e aos olhos dos viandantes.

O combóio, que era o único senhor, tomara conta do vale, perfurou a serra e atravessava impante o Minho até às terras da Galiza. Depois com os

novos veículos alternativos, o Vale do Tamel ganhou outras vias e transportes, mas o comboio, mais rápido, cómodo e moderno não abdicou da mesma via nem da sua função primordial de rei dos transportes a ligar povos e nações.

José Augusto Vieira, viajero e cantor, bem conhecido, em 1887, quando a via atingiu os cinco anos de idade e um ano após a sua internacionalização, nas páginas 151-152 do seu "MINHO PITORESCO" deixou-nos uma descrição histórica e poética do Vale do Tamel, desde a ponte Eiffel, sobre o Rio Cávado, até à entrada do túnel. Não a transcrevemos na íntegra, por brevidade, mas não resistimos à transcrição do penúltimo parágrafo, no qual se alude outro significado da palavra Tamel e ao seu fundamento: "... os olhos não se cansam de vêr este delicioso valle do Tamel, cuja fertilidade poderosa se adivinha, se palpa quasi, nos taboleiros de milho, nas vinhas de enforcado, nas árvores fructíferas, nos regatos mansos, nas colmeias aglomeradas. Alguns pensam até, que lhe vem d'aqui o nome tem-mel, embora outros julguem que a palavra vem do árabe Thamel, sendo certo, porém, que tal nome é antiquíssimo, pois se encontra já em uma escriptura de 1028".¹

Lembramos a propósito que, em 20 de Maio de 1758, uns 129 anos antes, o Abade de Carapeços Bernardo de Barros Araújo, ao iniciar as "Memórias Paroquiais" da freguesia, escrevera: "Na Província de entre o Douro e Minho, no Valle de Tamel, e por ante nomazia o Valle de Tem Mel, de Braga Primaz, trº (termo) da Villa de Barcellos, julgado de Neiva, Correição da Provedoria de Vianna está cituada a Igrª de S. Thiago Mayor de Carapessos,...", o que os leitores poderão verificar nas págs. 81 e 82 do livro "A Igreja de Carapeços" ou em "BARCELLOS nas Memórias Paroquiais de 1758" a págs. 85. É uma explicação fundamentada na consonância das palavras.

Paremos hoje por aqui. Durante a próxima semana façam os leitores exercícios de apneia e preparem-se para darmos um mergulho no tempo, até aos anos 117-138 do Império Romano, em que reinou o imperador Adriano, onde nos aparece a figura refulgente de São Tamel.

A.P.

¹ - Ver o texto, na íntegra, em Apêndice, nas págs. 31.

São Tamel

O nome Tamel, de São Tamel, vem dos primórdios do cristianismo, dos dois primeiros séculos da Era Cristã. Ignorantes ou esquecidos não nos recordamos de o ter escutado anteriormente.

Tamel, restringido exclusivamente à região onde nos encontramos, nas cercanias de Barcelos, só aparece, como vimos, a partir de 1028, desde há nove séculos, numa escritura da época.

E porquê essa restrição? Ninguém o conhecera antes como nome pessoal ou antropónimo? Terá sido um nome conhecido e depois caído no esquecimento? Mesmo admitindo uma vaga possibilidade de que nem toda a gente o ignora parece-nos que a resposta mais lógica e aceitável é a afirmativa: que foi esquecido.

Com efeito descobrimos que esse nome repousa há dezenas de anos, pelo menos desde 1923, em arquivos existentes nesta zona. Bastará dizer que o "ANO CRISTÃO, devocionário para todos os dias do ano", do P. Croiset, S.J., repleto de vidas de santos, traduzido do francês pelo muito conhecido P. Matos Soares, do Porto, e publicado naquele ano, existe no Arquivo Paroquial de Roriz, nos 15 volumes, que constituem a colecção completa. Foi ali, tão perto, que o consultámos por especial deferência do P. Joaquim Ferreira da Fonseca, o pároco actual e vimos, pela primeira vez, o nome de São Tamel. Não foi preciso procurar por terras estranhas, em bibliotecas melhor apetrechadas. Mais ainda, a mesma Obra, traduzida por Francisco Manuel Vaz, começada a editar no ano de 1796, também existe cá e pertenceu ao P. António Alberto Barbosa, o antepenúltimo pároco de Carapeços, entre 1909 e 1933, onde é recordado. Depois passou ao seu sucessor, o saudoso P. Manuel Rodrigues de Miranda, que também foi pároco de Santa Leocádia, falecido em 27-6-1976. E hoje está na posse dos sobrinhos, seus herdeiros. Oxalá, um dia próximo, regresse ao Arquivo Paroquial de Carapeços donde não deveria ter saído. E regresse como um bem peculiar, de valor estimativo e tradicional, pois comercialmente outro não tem, dado tratar-se de uma obra incompleta. Foi a razão que nos levou ao Arquivo de Roriz, detentor da edição completa e mais actualizada. Cremos que na edição mais antiga, que pertenceu aos párocos de Carapeços, o tradutor não acrescentara o Martirológio, como fez Matos Soares, anos mais tarde.

Portanto o nome Tamel, de São Tamel, se podia passar despercebido deveria ser noutras terras e não nestas, onde se encontram os pontos mais elevados da Serra do Tamel, que perpetua o seu nome. Nem se compreende que, sendo a leitura do Martirológio obrigatória no ofício coral das sés e colegiadas, não tenha, em tantos anos, ferido ouvidos pios desta área do Tamel, tão vizinha, nas suas passagens pela velha colegiada de Barcelos. Mas deve ter acontecido, não tenhamos dúvidas!

Pertence-nos agora reafirmá-lo, uma vez que, perdido, alguma coisa o fez reaparecer perante nós.

Sempre ouvimos recomendar o conhecimento e a devoção ao Santo do “próprio nome”. Por um imperativo de força incomparavelmente superior conhecer e honrar os onomásticos da terra e os Santos que as enobreceram deve ser um ponto de honra, pois são os tutelares das pessoas, das coisas e dos animais nelas existentes. Acresce, numa hora em que todos procuram conhecer as raízes e os valores herdados dos seus antepassados, que os nomes pertencem ao conjunto dos bens de maior valia. Dar o nome é como um acto de paternidade; conhecer, adoptar e honrar o nome recebido um nobre dever.

Quem sabe se a Serra do Tamel não terá sido a “Montanha Sagrada” que serviu de altar ao martírio de São Tamel e dos seus companheiros?

Na próxima semana vamos patentear o Martirológio para que o nome e a vida de São Tamel possam brilhar como o sol, sem nuvens, sobre todos nós.

A.P.

São Tamel no Martirológio

O nome de São Tamel encontra-se no Martirológio, escrevemos. Lá o procurámos e descobrimos.

Martirológios são os livros em que estão registados os nomes dos santos. E como os santos mártires sobressaem entre os demais, sabendo-se mesmo que a santidade heróica dos confessores, virgens, etc, contém sempre algo de martírio, vem de muito longe, desde o séc. IV, os catálogos com os dias de aniversário dos santos mártires e, conseqüentemente, de todos os santos. Esses catálogos denominam-se, repetimos, martirológios. Podem estar enriquecidos com um resumo da sua vida.

A literatura sobre os martirológios refere como principais catálogos da vida dos santos o "MARTIROLÓGIO JERONIMIANO", do século V, da maior importância, com mais de 6000 nomes de santos e de mártires e tem como fontes o calendário romano, de 354, um de Antioquia e outro africano. E o MARTIROLÓGIO ROMANO.

A edição príncipe ou típica do Martirológio Romano, do Ven. César Barónio, que foi editada em Roma no ano de 1586, serviu de base à nossa consulta.

O facto de São Tamel constar do Martirológio é, para nós, o fundamento da sua existência e credibilidade. E para tornarmos conhecidos o nome e a vida de São Tamel - celebrado no dia quatro de Setembro - de cada ano, num propósito religioso e cultural, aceitando o princípio de que "ninguém ama o que não conhece", vamos apresentar seguidamente essa página do Martirológio, como se vê no Vol. IX, a págs. 60, do "ANO CRISTÃO", traduzido pelo P. Matos Soares, de 1923:

"Martirológio

Santa Rosa, virgem, em Viterbo, 1252.

SANTA CÂNDIDA a jovem, célebre por seus milagres, na mesma cidade de Nápoles.

S. MOISÉS, legislador e profeta, no monte Nebo na terra de Moab, 1585, antes de Cristo.

S. MARCELO, bispo e mártir, em Treves.

O TRÂNSITO DOS TRÊS SANTOS MENINOS RUFINO, SILVANO E VITÁLICO, mártires, em Ancira da Galácia.

S. MARCELO, mártir em Chalons de França, no tempo do imperador Antonino; o qual tendo sido convidado para um banquete profano pelo governador Prisco, como abominasse aqueles manjares, e repreendesse animosamente os convidados porque davam culto aos ídolos, por ordem do mesmo governador, com um género de crueldade inaudito, foi enterrado vivo até à cintura, e perseverando assim por espaço de três dias, louvando a Deus, entregou-lhe a sua alma.

OS SANTOS MÁRTIRES, MAGNO, CASTRO E MÁXIMO, no mesmo dia.

OS SANTOS TAMEL, que fora sacerdote dos ídolos, e SEUS COMPANHEIROS, mártires, no tempo do Imperador Adriano.

OS SANTOS MÁRTIRES, TEODORO, OCEANO, AMIANO E JULIÃO, os quais no tempo do imperador Maximiniano, depois de lhes haverem cortado os pés, arrojados ao fogo, consumaram o martírio.

S. MARINO (MARINHO), diácono, em Rimini, 307.

O TRÂNSITO DE SANTA ROSÁLIA, virgem, chamada a Palermitana, descendente do sangue real de Carlos Magno, em Palermo; a qual por amor de Jesus Cristo, fugindo do principado de seu pai e da corte, solitária nos montes, viveu vida celestial, século Iº.

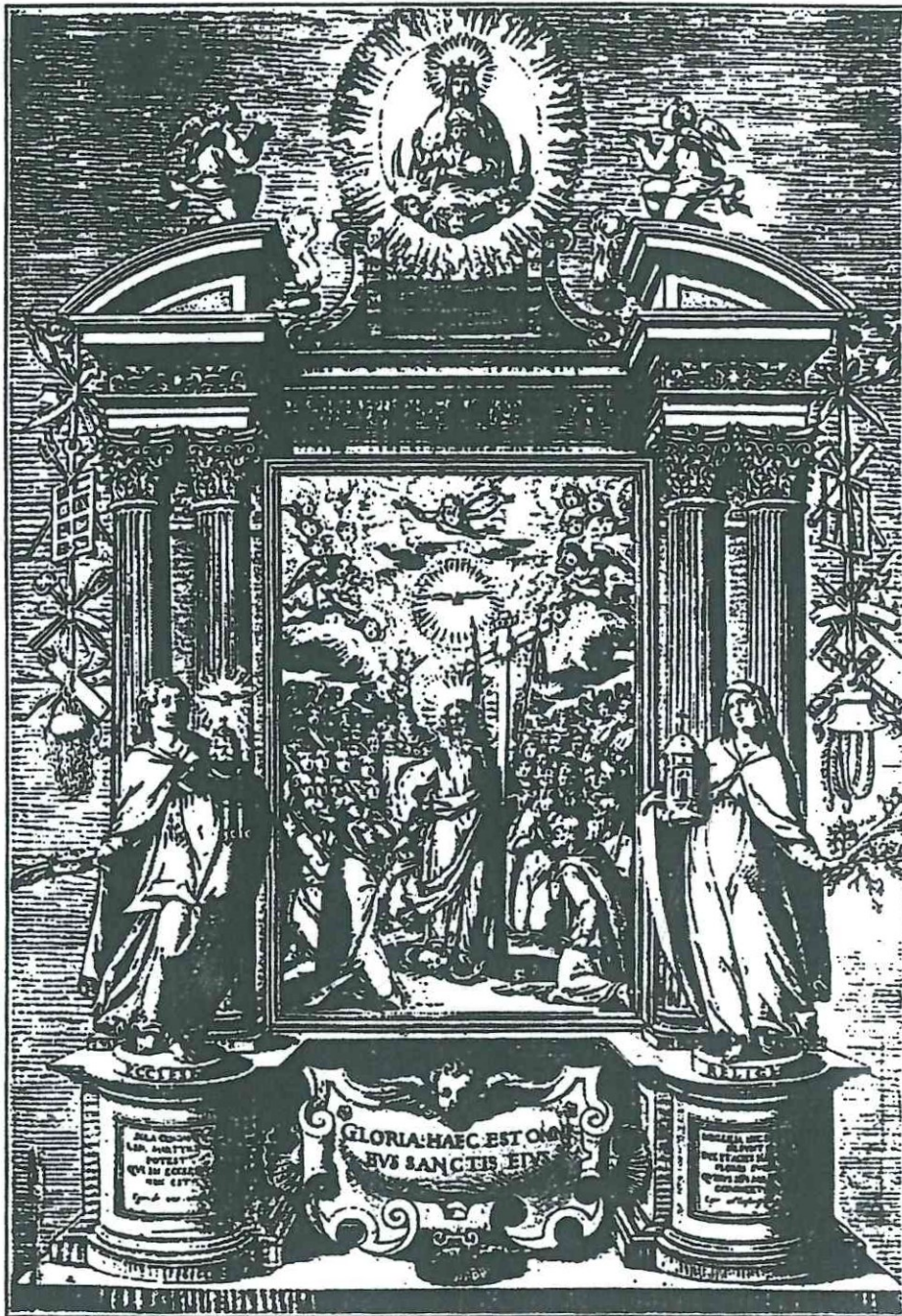
O TRÂNSITO DE SANTA CÂNDIDA, em Nápoles, foi a primeira que se apresentou para ser baptizada ao apóstolo S. Pedro, quando veio a esta cidade, e morreu santamente".

No calendário geral da igreja não há missa própria neste dia. Não havia em 1923, nem tem hoje, depois da última remodelação litúrgica. Pertence aos dias feriais.

Para algum leitor menos versado na linguagem dos hagiógrafos esclarecemos que a palavra "trânsito", lida acima, quer dizer o dia da morte ou passamento. A igreja considera dias de aniversário aqueles em que os santos deixaram esta vida e transitaram para o céu.

Prosseguiremos, na próxima semana, com estas notas que buscam a possível radicação ou ligame de S. Tamel e companheiros às terras a que deu o seu nome.

A.P.



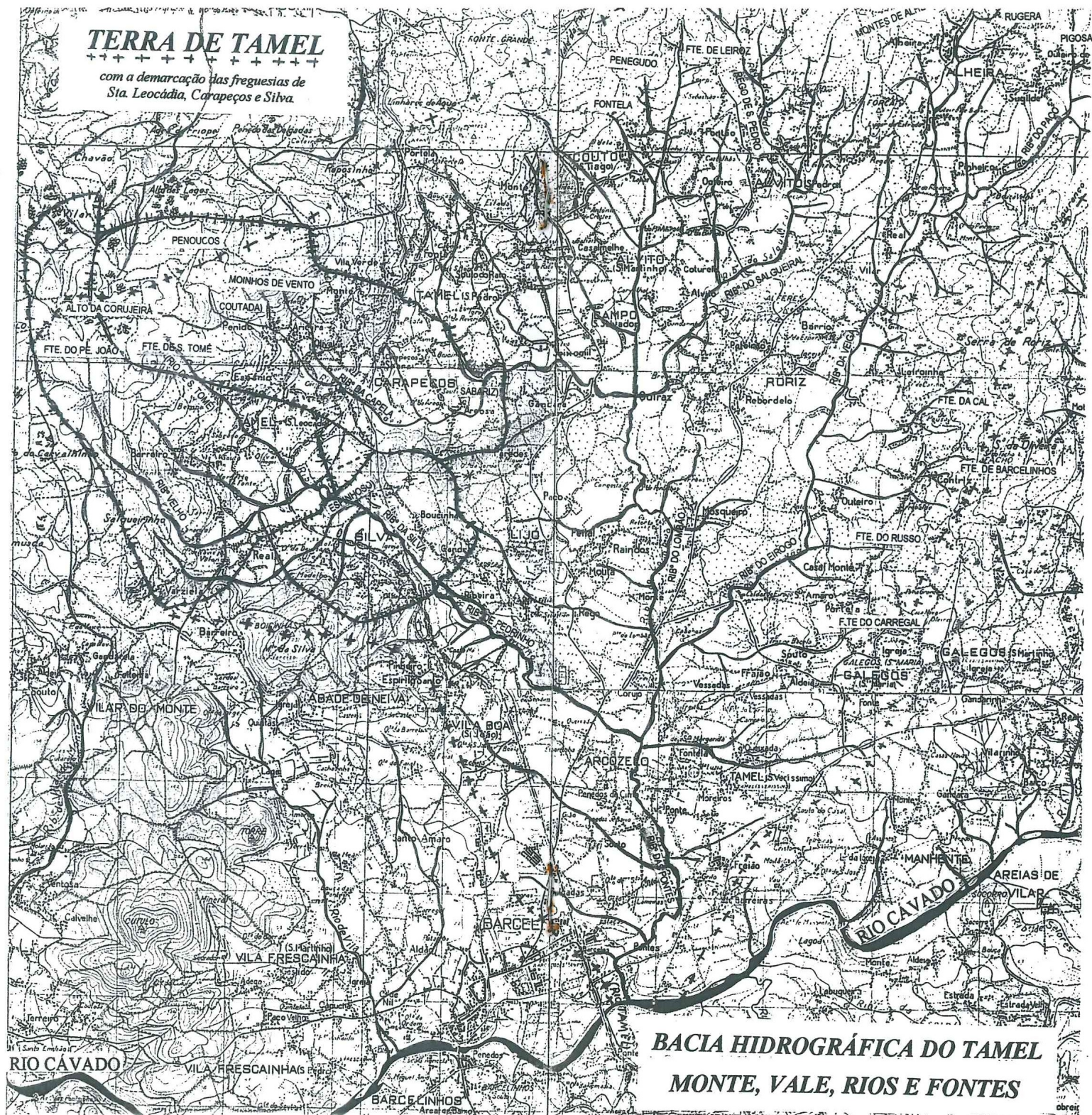
EX EDITIONE PRINCIPE MARTYROLOGII ROMANI

A VEN. CÆSARE BARONIO RESTITUTI

QUÆ PRODIIT ROMÆ ANNO MDLXXXVI

TERRA DE TAMEL

com a demarcação das freguesias de
Sta. Leocádia, Carapeços e Silva



BACIA HIDROGRÁFICA DO TAMEL

MONTE, VALE, RIOS E FONTES

[illegible]

São Tamel e os romanos

Há um conjunto de razões circunstanciais que nos levam a olhar para São Tamel com particular interesse. Antes de conhecermos o Santo, já o nome Tamel foi aqui familiar durante quase mil anos. E, insistindo numa ideia de sempre, se os nomes substantivos devem merecer toda a atenção, tratando-se de nomes próprios ou pessoais, devem ainda ser objecto de maior respeito e interesse, quer da parte de quem os usa com de quem nomeia as pessoas.

Desde a mais remota antiguidade o homem primitivo precisou de identificar as coisas e os indivíduos por um nome. Tornando-se necessário, no decorrer dos tempos - e nisso se distinguem as civilizações - acrescentar-lhes sobrenomes e apelidos para uma mais perfeita individualização das mesmas pessoas. Mas não vamos agora dilucidar acerca de pronomes, nomes, sobrenomes e apelidos o que, aliás, seria interessante e instrutivo. Outros o fizeram já.

Importa-nos, tão só, conhecer melhor Tamel, como estamos a porfiar desde há algum tempo. Acabando de descobrir a existência de São Tamel passa a ser imperioso conhecer também a vida do santo. E, se não tínhamos dele dados suficientemente personalizados, teremos de recorrer a outros mais circunstanciais, mas certos, que nos permitam encontrá-lo ou ao menos aproximarmo-nos dele.

Na verdade a história regista:

"Eodem die sanctorum Thamelis, antea idolorum sacerdotis, et Sociorum Martyrum, sub Hadriano imperatore". (Apresentamos a notícia como se lê na edição típica do Martirológio Romano, da Typografia Poliglota do Vaticano, publicada na língua original, por ordem do Papa Gregório XIII, Anno do Senhor de 1586). É um regalo dedicado aos bons latinistas, nossos possíveis leitores, que ainda são bastantes, espalhados pelas terras do "Condado". A todos os outros, com igual consideração, relembramos o que veio na nota anterior: "Os Santos Tamel, que fora sacerdote dos ídolos, e seus companheiros mártires, no tempo do Imperador Adriano". Vêem-se ali São Tamel e seus companheiros mártires melhor contextualizados entre os santos do "Martirológio", celebrados no dia quatro de Setembro de cada ano.

Tendo sido os romanos os algozes de São Tamel e ^{dos} seus companheiros, uma pergunta surge naturalmente: que relacionamento terá existido entre os romanos e o povo destes sítios, os primitivos habitantes de Tamel?

São inúmeros os testemunhos da sua presença entre a população autóctone desta zona. Estudos valiosos e interessantíssimos, recentemente publicados (e apresentados ao público, na cidade de Barcelos, no dia 26-2-1999), o comprovam abundantemente. Dar deles uma súmula tem o seu quê de difícil e arriscado, mas vamos tentar:

A ocupação romana por legionários e colonizadores foi longa e onnipresente a avaliar pelas marcas dessa presença que deixaram por todos os lugares: as tégulas e cerâmica aparecidas em Roriz, S. Iñs, St^a Leocádia, Alheira, Arcozelo (terra Sigillata hispânica), Campo, Igreja Nova; os indícios toponímicos e onomásticos expressos nas breias, paços, vilas, castros e casalmelhe (n. de lugs.); os castros e citânias na Serra de Lousado, no Monte de Oliveira-Roriz e na Picarreira, em Carapeços; aras, fustes de colunas e outros restos de culto religioso, em Alvito S. M., o pé de altar de origem romana, de Sta. Leocádia, para não alargarmos estas referências à zona envolvente de Feitos, Mondim e Oliveira.... formam um elenco apreciável e muito rico.

É todo um espólio valioso, inventariado e analisado, ao fácil alcance de qualquer apreciador ou apaixonado pelo conhecimento da história da sua terra ... que poderá, quando menos pensarmos, levar a uma breia ou vereda que nos conduza ao altar de São Tamel.

Constituem os sinais de uma pista, bem marcada, por onde tencionamos prosseguir na próxima semana.

A.P.

(Brochado de Almeida nas “breias” do TAMEL)

Dando continuidade à nota anterior, não teríamos chegado a este ponto, na busca de São Tamel, sem a ajuda do trabalho árduo, difícil, persistente e sempre inacabado, do Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida. Foi ele quem descobriu a maior parte dos sinais da pista por onde avançamos.

Quando o escutámos a primeira vez a “Falar Barcelos”, no dia 17-4-1987, na Biblioteca Municipal de Barcelos, mal suspeitávamos das “breias” em que se metera. (E, para dar uma ajuda aos leitores mais carenciados, informamos que as brenhas, brejos, sendas, veredas, e os matagais à volta, são as palavras que melhor explicam as “breias”, normalmente por todos evitadas). Por lá não é difícil encontrá-lo.

Também é frequente vê-lo na ESCOLA, auditórios, bibliotecas, academias, seminários, tertúlias e encontros culturais, participante ou mero assistente, onde se acha à vontade, rodeado de amigos, discípulos e admiradores. Mas pelo brejos e veredas anda, muitas vezes, sozinho, qual “João Semana” da cultura. Debruça-se sobre o “corpo velhinho” da terra, atento às suas erupções cutâneas e aos sinais do passado, que não escapam ao seu “olho clínico” de especialista, mas aos leigos, que somos, passam despercebidos.

Não é avaro. Para quem lhe pede ajuda sentimos a sua disponibilidade, interesse e gosto de partilhar conhecimentos e amizade. O homem da cultura e do património, nas mais variadas facetas. Não vai há muito escutámos o seu apelo veemente e apaixonado, em encontro cimeiro de peritos e de responsáveis diocesanos, na defesa de património religioso, cultural e popular desta Arquidiocese.

Sem intenções bajulatórias, declaramos que este é um retrato, em grande, do Professor C.A. Brochado de Almeida. E, sabendo que a bajulice não tem encaixe, no seu feitio de pessoa culta e popular é, para nós, acima de tudo, a expressão sincera de admiração e grande apreço pela Obra já realizada, que desejamos mais conhecida e sempre melhor aproveitada. Como não se pode mexer nela sem tocar no autor, o fazemos com enorme satisfação e gratos em nome do Tamel.

Se quiséssemos traçar outro perfil do quotidiano do Sr. Doutor Brochado, vê-lo-íamos no seu vulgaríssimo “Corsa”, num “todo-o-terreno” ou de “botas” a calcorrear todos os caminhos, pelos sítios mais recônditos e variados, manipulando “ferramentas” de ponta, desde a pá e picareta à bússola, altímetro, GPS e caneta de “ouro”, na busca e descoberta, no registo e traçado das coordenadas exactas dos lugares onde os achados foram descobertos ou permanecem. E no seu estudo. É o rosto desconhecido de

um simples cidadão, despido de atavios ou de insígnias doutorais - nem vimos se as usa - em que se não repara fora dos areópagos. Jornaleiro da ciência, mal se imagina o labor e sacrifícios, de anos acumulados, que implica a Obra, que publicou.

Não somos a pessoa indicada para a tornar mais conhecida, pois nem a conhecemos na sua globalidade, mas sabemos que, nesta caminhada pelo passado do Tamel, segue na dianteira e dificilmente se poderá avançar sem acompanhar os seus passos e conhecer esses trabalhos. Andando pelas trilhas dos nossos montes e vales, não é um vulgar "caçarreta", mas sim um apaixonado "caçador de tesouros" que não destrói, antes procura descobrir para acautelar e promover. Disso damos testemunho.

O número 5, de BARCELOS PATRIMÓNIO, em dois volumes, do ano de 1997, editado pela Câmara Municipal de Barcelos e apresentado ao público em 26 de Fev., deste ano, como referimos, contém o inventário arqueológico do concelho de Barcelos. A sua tese de doutoramento sobre "O Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", que obteve subida classificação. (Não nos parecem, contudo, exactos os limites, nela indicados, por não abrangerem a totalidade da área que explorou e inventariou: todo o espaço excedente que vai do Rio Cávado ao Rio Este, que ultrapassa, em Couto de Cambeses, nos lugares da Redonda e do Fontão, na base do monte de Santo André, da nossa meninice). Ambos os volumes apresentam um conteúdo rico e abundante.

Quantas pessoas de Tamel e da restante área investigada terão conhecimento desta Obra?

De fácil aquisição e consulta, poderão encontrar ali as coordenadas exactas de tantos lugares deste concelho e, o que é da maior importância, a mais variada e completa bibliografia das terras e lugares de Barcelos, que a todos dizem respeito.

Só nos falta saber se das suas andanças e estudos, alguma vez vislumbrou por aqui as passadas de São Tamel e terá cruzado as suas veredas?

Detentor de biblioteca, que adivinhamos bem recheada de livro da especialidade, esperamos se ponha de atalaia e nos diga algo que descubra de São Tamel.

Pareceu-nos oportuno incluir este longo parênteses no âmbito dumas simples notas culturais. Ao apontar a Obra e o seu principal obreiro queremos realçar o valor da Arqueologia para o conhecimento da nossa história colectiva e deixar um aceno de muita simpatia para as suas colaboradoras do Gabinete respectivo da C.M. de Barcelos.

São Tamel. Considerações.

São Tamel foi sacerdote dos ídolos e, mais tarde, convertido à fé cristã, um dos mártires dos primeiros tempos do cristianismo. É a síntese da sua vida, que chegou até nós e nos diz muito.

Dela sobressai a circunstância de ter sido martirizado sob as ordens de Adriano, imperador romano. Isso nos ajuda a situá-lo no tempo e a estabelecer uma segura ligação às terras por onde os romanos permaneceram durante longos anos. E constitui uma particularidade a ter em grande conta.

Tanto o império romano como as perseguições aos cristãos, no alvorecer da igreja, são factos históricos incontestáveis, dos quais não podemos separar o nome e a vida de São Tamel.

A formação do império romano culminou a evolução dos impérios mais antigos e tornou-se o arquétipo de todos os impérios subsequentes, até aos nossos dias. A partir da mesma evolução semântica da palavra, o império foi um factor de unidade étnica, linguística e cultural, de âmbito ideológico, jurídico, político, religioso e administrativo de que o imperador se tornou o principal agente. Daí resultaram as perseguições e os martírios.

Com efeito, a sacralização do imperador e a unificação do culto a prestar, exclusivamente, às divindades idolátricas do império criaram uma situação de conflito permanente com os cristãos, de que resultaram tais perseguições e martírios. O verdadeiro cristão é monoteísta e não presta culto aos ídolos.

A palma do mártir São Tamel é o símbolo da sua refulgente santidade. O que está em conformidade com as páginas da Sagrada Escritura: “Depois disto, olhei e vi uma grande multidão que ninguém podia contar de todas as nações, tribos, povos e línguas: Estavam diante do trono e do Cordeiro, de vestidos brancos e com palmas nas mãos (Apoc. 7, 9 e ss.).” O Apocalipse proclama um cântico de louvor e exaltação dos santos, particularmente, daqueles cujo martírio cruento serve para comprovar a santidade da sua vida. Dos quais a fé não sossobrou perante o afrontamento da morte. Por isso a sua heroicidade fulgura e a memória permanece indelével.

Crescendo abrigados pela Serra de Tamel, que ela a todos desperte para as realidades mais altas e nos recorde sempre aquele cujo nome perpetua.

Outras razões circunstanciais existem e merecem reflexão, até, porque os estudos citados nas notas antecedentes apresentam dados que indicam a integridade de tantas vidas e, no caso de São Tamel, sublimam a nobreza e rectidão do seu carácter. Homem profundamente religioso, numa atitude coerente de consagração pessoal, fez-se sacerdote dos ídolos em que

acreditou e procurou cultuar com humanidade e sem fanatismos. É o que seguramente se deduz ao lermos a síntese da sua vida.

Barcelos-Património ao inventariar os locais de culto pagão ou idolátrico, sediados na Serra e no Vale de Tamel, torna conhecido e garante o passado religioso do povo desta região, desde os tempos anteriores à vinda de Cristo ao mundo e de a sua igreja ser estabelecida entre os homens. Obra publicada antes de sabermos da existência de São Tamel, que ignora, oferece um apoio muito útil e interessante nesta caminhada que empreendemos:

Os menhires expostos no Museu Arqueológico de Barcelos, os falos de Feitos-Bostelo, a ara romana de Alvito, S.M., nela estudados, e outros lugares de culto a precisarem de uma investigação e estudo mais aprofundados, como o sítio da Capela de S. Tomé, com os seus megalitos (?), em Santa Leocádia, todos na área de Tamel, comprovam a existência de culto e de um sacerdócio idolátrico, na nossa terra, idêntico ao que exerceu Tamel, antes da sua conversão à fé de Cristo. São motivos ou razões que parecem coarctar a nossa liberdade de aceitar outras terras como berço de S. Tamel. Mas não passamos daqui.

A conversão de São Tamel constitui a última prova da sua religiosidade, da nobreza de carácter e da seriedade do seu viver. Não era fanático e, quando brilhou para ele a verdadeira fé, tornou-se apóstolo de Cristo e comunicou a mesma fé aos outros. Os companheiros mártires não devem ser outros senão os seus discípulos. São a sua coroa de glória e testemunho indesmentível da força inabalável que irradiava do seu mestre.

Se a origem terrena de São Tamel pode continuar envolta em mistério, o nome Tamel é uma mais valia cultural e religiosa, que não pode continuar envolta no esquecimento, sem o maior desdouro para as terras e as gentes de Barcelos.

A.P.

São Tamel. Síntese conclusiva.

Aqueles personagens cujo nome perdura através de muitos séculos, capazes de ainda arrebataram o maior respeito e veneração, têm de ser figuras ilustres. Tamel ou São Tamel é um desses vultos gloriosos.

Acontece, muitas vezes, as terras adoptarem os seus nomes, saírem do anonimato em que outras mergulham, e tornarem-se conhecidas e mais respeitadas à sombra deles. Só nos custa a compreender o porquê de tais personalidades terem caído no mais profundo esquecimento, enquanto os respectivos nomes permanecem vivos e sempre actuais nas terras que os usufruem ou deles se assenhorearam. No caso vertente, em que muitos conhecem as terras de Tamel, quantos ouviram falar de São Tamel? Também para nós foi um desconhecido, durante largos anos, porque a comunidade local havia perdido a sua memória.

Numa busca sumária, ajudados por um Atlas-mundi, deparámos com um nome idêntico na África equatorial, numa cidade relativamente grande ao norte do Gana. É possível existam outras terras assim denominadas. Mas, situada longe das bordas do Mediterrâneo, onde não deve ter chegado o poderio dos romanos, estamos persuadidos de que São Tamel não se tenha lá confrontado com eles.

Nada obsta, porém, a grandeza da sua vida e o fulgor do seu nome tenham subido tão alto como o Sol e, ultrapassando estreitos limites terrenos, passassem a iluminar esses povos e muitas outras gentes. Tem acontecido amiúde com pessoas de origem humilde, mas de estirpe superior, o que nos revela o poder carismático dos santos.

Donde vieram e quem foram S. Julião, Santa Marinha, S. Martinho, S. Mamede, S. Veríssimo, Santa Leocádia, S. João Baptista, e os Apóstolos Pedro e Tiago, que na peugada de Santa Maria, a Senhora da Abadia, e do Divino Salvador, são pessoas queridas e idolatradas, bem arraigadas no coração e na alma das gentes de Tamel. Nem admira, se souberem que, depois dos Apóstolos, mensageiros da mesma verdade, que autenticaram com o seu martírio, sempre acompanharam a cristianização destas terras.

Cidadãos do mundo, sem limites de fronteiras, honram as terras de origem. São Julião, considerado um dos 70 discípulos do Senhor, foi da Palestina, evangelizar uma tribo gaulesa; Santa Marinha, virgem e mártir, de vida lendária, é uma figura emblemática e maravilhosa, patrona e encanto de muitas terras. Com as suas oito irmãs gémeas: Vitória, Genebra, Liberata, Eufémia, Marciana, Basília, Germana e Quitéria, oriundas de Braga, na Lusitânia, Província do Império Romano, a que pertencíamos, martirizadas

pelo ano 120, sob o imperador Adriano, são recordadas também nas pinturas do tecto da igreja de Alheira; S. Martinho é o primeiro santo confessor venerado pela igreja do Ocidente. Foi o apóstolo da evangelização das Gálias. Nasceu em Labário, na Panónia, Hungria. Chegado à Gália como soldado do imperador, era ainda catecúmeno quando dividiu a sua capa com Jesus, disfarçado num pedinte do caminho. A brevidade destas notas não nos permitem dizer mais. A sua memória permanece viva na igreja de Alvito; Santa Leocádia, virgem e mártir de Toledo, morta em 9-12-304, na perseguição de Dioclesiano, é a nossa Santa Locaya; os santos Mamede e Mamés, mártires do tempo de Aureliano (anos 270-275) e S. Veríssimo, mártir de Lisboa, sob o imperador Dioclesiano (284-305), todas figuras do "Martirólogo", acompanharam São Tamel na profissão da mesma fé e na heroicidade do martírio, durante a vigência do império.

Dissemos, na verdade, que o nome Tamel só tem apoio escrito a partir de uma escritura, desta região, do ano de 1028. O que é pouco ou quase nada relevante se tivermos em conta ser a língua portuguesa então ainda muito recente. Nem a tradição e a história terem na escrita a seu único apoio. O que seria da História Antiga?

Como o Martirólogo, garante da credibilidade e da vida de São Tamel, como de tantos outros santos e mártires, não determina o sítio do seu nascimento, deixa-nos a liberdade de o questionar. Colocados perante a verdejante Serra do Tamel e do seu "feracíssimo e formoso valle", abonado por seguras marcas de um passado bimilenar, em que se pode encaixar os mais notórios passos da sua vida, é líquido perguntar: foi a terra que deu o nome ao Santo ou, vice-versa, o Santo quem deu o nome à terra? Que o nome foi uma realidade sempre presente na vida dos povos de antanho, nossos predecessores, não queremos duvidar.

Entretanto, na falta de dados apodícticos que afastem outras hipóteses, ninguém fica impedido de sonhar e interrogar-se: - quantas vezes os nossos passos terão cruzado, nestes sítios, os caminhos de São Tamel e dos seus companheiros mártires? **Que o nome Tamel**, reencarnado na Montanha circundante se torne um apelo vivo, constante e silencioso a despertar as pessoas para os valores perenes.

A força dos nomes, continuamos a insistir, é um valor primordial, que nunca será demasiado sublinhar. Tamel (Sta. Leocádia) e Carapeços (do Tamel) - com todas as paróquias do Tamel - jamais o devem esquecer.

O Rio Tamel

Saltando do Vale do Tejo para o Vale do Ave e para os vales do Este, do Cávado, do Tamel e do Rio Neiva; do Lima para os Arcos de Valdevez, do Rio Vez, quedêmo-nos por aqui. Sobeja de vales para se colocar a questão: onde se encontra o Rio Tamel?

Falando de vales, subentende-se a existência do rio que contribuiu para a sua formação e lhes deu o nome. O Vale do Tamel é uma realidade incontroversa. E, consequentemente, donde lhe adveio o nome, do monte ou serra sobranceiros ou do nome de um rio como acontece com o Vale do (rio) Neiva e de tantos outros, além dos supra mencionados?

Qual é o Rio Tamel? Onde fica? Eis a questão. Não se ouve nem se vê escrito.

Sabemos que todas as águas do Vale do Tamel convergem para a Ribeira das Pontes, entre Arcozelo e São Veríssimo, onde se juntam antes de se lançarem no Rio Cávado. É a única, não têm outra saída.

Perguntámo-nos mais: quais as pontes desta zona suficientemente importantes pela sua antiguidade, arte, história ou funcionalidade, assim tão significativas para substituírem o nome do rio do Tamel? Sendo as pontes uma constante comum a todos eles, não é usual darem o seu nome aos rios, que atravessam, antes costuma acontecer o contrário.

Serão a centenária ponte Eiffel, do Caminho de Ferro, próxima da embocadura do rio; a ponte da estrada Barcelos-Prado, que dá o abraço de Arcozelo a São Veríssimo; ou qual outra, se nem sequer ali, o rio ultrapassa as dimensões de um pequeno ribeiro, que é?

Não será, por ventura, a Ribeira das Pontes o verdadeiro Rio Tamel, dado ser o troço mais importante do escoamento natural das águas da serra do vale? Ligada, como está, a cada uma das fontes do Tamel e a cada um dos seus recantos, quer nas partes altas das encostas como às nascentes das partes mais baixas do vale, que nela vão desaguar.

Qual poderá ser o verdadeiro Rio Tamel, se a Rib^a das Pontes é o único curso de água, no qual se juntam todos os sub-afluentes que a ligam a qualquer das fontes ou nascentes do Tamel? A resposta impõe-se pela evidência da unicidade.

Enquanto nos questionávamos e assim discorriámos, estendemos a mão a A.C. Frazão, sempre ao nosso lado com o seu “Dicionário Corográfico de Portugal”, que informou: existem, sem quaisquer outros qualificativos, dez lugares denominados “Pontes” e o primeiro, na ordem alfabética, fica em Arcozelo, Barcelos. Bastou. Arrumámos logo a questão e recordámos o grande filólogo, assás conhecido, J. Leite de Vasconcelos, que afirma ser normal o mesmo rio mudar de nome conforme os lugares por onde passa.

Assim o lugar de Pontes, em Arcozelo, não terá recusado o seu nome ao

Rio Tamel, que dali até ao Cávado passa dissimuladamente disfarçado sob o nome da Rib^a das Pontes, como é conhecido. Nela se completa todo o sistema natural da bacia hidrográfica do Vale do Tamel. Ocultando o verdadeiro nome aos cartógrafos que, distraídos ou mal informados, apenas registaram nos mapas, os nomes dos locais por onde as águas passam, ignorando o nome verdadeiro do rio principal, que deu ao vale, esquecendo-o. Não aparece, pois, o Rio Tamel.

Em Quiraz juntam-se as águas ídas do Moinho de Vento e da Coutada, em Carapeços e as da Sr.^a da Portela, em S. Fins, levadas pelos Rib^{os} da Capela e de Sabariz, onde se juntam com as de Campo e Couto, mais as do Rib^o do Salgueiral e do Rego de S. Pedro, vindas dos Montes de Alheira e da Serra de Lousada e todas vão engrossar o Rib^o do Lombão. Os Rib^{os}. do Paço e da Veiga, de Roriz, transformam-se no Rib^o do Eirogo. Com as águas de Lijó e as dos pontos mais altos e afastados da Serra do Tamel, idas das fontes de S. Tomé, do Barreiro, do Pe. João e da Varziela, em Santa Leocádia, que passam pelo Rib^o Velho, Rib^o da Silva, Rib^o Pedrinho (são os nomes que constam dos mapas), mais uns curtos regatos de S. Veríssimo, de Vila Boa, das Calçadas e algumas águas de Barcelos, se completa o caudal da Ribeira das Pontes. É esta, para nós, o verdadeiro Rio Tamel. Vai de S. Tomé e da Fonte do P. João pelos citados Rib^o Velho e Rib^o da Silva ao Cávado, pela Ribeira das Pontes, onde se juntam os demais sub-afluentes do Tamel.

Apesar de tudo não podemos afirmar que o Rio Tamel está inteiramente desprovido de documentos que legitimem o próprio nome. Em "Textos Arcaicos coordenados, anotados e providos de um glossário", por J. Leite de Vasconcelos (1959), a págs. 208, segundo J. Pedro Machado, que diz no seu dicionário onomástico: "Tamel - topónimo de Barcelos é o antigo TAMAR, mencionado em "Diplomata et Chartae, a pág. 8, de Portugalia Monumenta Historica (em que A. Herculano adverte... (a) parece que como nome de rio". Anteviu e aponta o que nós questionámos.

Até aqui nos trouxe a busca do nome Tamel.

A.P.

Em apêndice: “A Escola em festa”

Após a longa caminhada, com os leitores, à procura de São Tamel, até aos princípios do primeiro milénio, vamos concluir, por agora, estas notas culturais com o acontecimento mais recente e actual, desta zona do Tamel, antes de “O Barcelense”, que lhes deu acolhimento, encerrar para férias.

No dia 17 deste mês de Julho, “Carapeços esteve em Festa à volta da sua Escola, numa homenagem de respeito e muita gratidão às professoras ultimamente jubiladas”, DD. Fernanda Marques Filipe, de Barcelos e Fátima Coutada, conterrânea de Carapeços, pelos 27 e 24 anos de trabalho efectivo prestado a esta Comunidade.

A iniciativa espontânea da homenagem partiu dos pais e alunos, mais antigos, da Prof^a. Fernanda, tendo encontrado o acolhimento pronto e interessado da Paróquia e da Autarquia, num propósito declarado de homenagear as jubiladas e, por elas, dignificar a Escola perante todos.

D. Fátima formou-se no ano de 1964 e foi professora efectiva, em Carapeços, até Dezembro de 1996. D. Fernanda, vinda da escola de Santa Leocádia de Tamel, aqui lecionou durante aqueles 27 anos. Convidadas pela Comissão Executiva da festa, com interesse e insistência, D. Fátima não pôde ou não quis participar na homenagem que estava a ser preparada. Foi uma atitude triste e pessoal que não comentamos. Restou à comissão o consolo e alegria de ser bem aceite pela Senhora D. Fernanda. Pessoa simples, humilde e jovial. Coração aberto de Mulher e grande Professora, perante quem havia uma dívida a saldar. Vinte e sete anos de trabalho feitos de muito carinho, dedicação e amor pelas nossas crianças, tornou-a querida dos alunos e das suas famílias. É um crédito que se não podia saldar com dinheiro, mesmo sem incluir nele outros gestos mais discretos de generosidade e altruísmo, conhecidos de alguns, de que não fez alarde.

A presença das autoridades paroquiais, das entidades e grupos, que se fizeram representar pelos seus estandartes e bandeiras, das pessoas gradas da terra e das professoras antigas e actuais de Carapeços, foi o melhor testemunho público de muito respeito e grande apreço pela sua pessoa.

O mesmo foi expresso nas palavras de apresentação, na saudação da Escola, pela sua Directora, Prof^a. M^a Filomena, nas palavras sentidas e amigas das antigas colegas e de reconhecimento por uma mãe e antiga aluna. Igual testemunho deram o Helder Nuno e a Maria Eduarda, pelos mais novos. Nunca os abraços e beijos que acompanharam os votos de felicidades, as flores e todas as ofertas tiveram um significado tão verdadeiro. Parabéns D. Fernanda.

O Senhor Presidente da Junta num discurso judicioso e ponderado falou da escola e do papel das professoras, tantas vezes ignorado e mal reconhecido,

mas fundamental na formação do indivíduo, como mostrou acontecer em nações mais evoluídas.

A encerrar, o Pároco evocou o passado, referindo outras efemérides:

1º - O encerramento da Escola da Fariota e a festa de homenagem às professoras, então jubiladas, no dia 13-7-1996. Festa linda, memorável, também com luz e sombras, de que todos se recordam.

2º - A homenagem nacional ao Professor Primário, prestada em Barcelos com a inauguração da estátua ao Professor, na rotunda norte da cidade, no dia 2-2-1997. Veio confirmar publicamente o que já tínhamos proclamado em Julho de 1996, a nível de paróquia, e agora, nesta homenagem, reafirmamos de novo.

3º - Na evocação do passado recordamos a antiga professora de Carapeços, D. Maria Isabel Costa Silva. Uma grande professora, segundo a recordação das suas alunas, aqui presentes. Foi das primeiras a leccionar na Escola da Fariota, após a inauguração, pelo anos de 1951. Injustamente ofendida por alguns, magoada e triste, levando as suas alunas no coração, deixou-as com saudades, que perduram. A ela se deve o último cântico com que o nosso coral encerrou esta magnífica Sessão Solene: "Vivam sempre", com o refrão "Louvor, louvor, saudação / Amor, amor, gratidão". Foi de homenagem a ela também. Cantado com entusiasmo e acompanhado com palmas por toda a assistência fez tudo terminasse em grande beleza.

Se nesta festa de homenagem houve duas lacunas a colmatar futuramente, não podemos deixar de referir publicamente e prestar o nosso testemunho de gratidão e de parabéns a todas as pessoas que contribuíram, como é habitual, para o brilhantismo destas celebrações, nomeadamente as zeladoras, sempre cuidadosas na limpeza e ornamentação da igreja - um primor - e acima de tudo o Grupo Coral de Carapeços, na liturgia e no Sarau, com os cânticos tradicionais, de Carapeços, os números profanos - tão lindos - e o referido cântico final, inédito.

Ressoando pelo vale, através das amplificações sonoras, foi o último acontecimento de realce a assinalar nestas terras do Tamel.

Tudo foi precedido por uma missa de acção. de graças e de sufrágio pelas professoras falecidas.

E terminou com uma alegre, muito participada e animada ceia de confraternização, no restaurante.

Boas férias.

A.P.

Apêndice

O mais antigo documento português (1192) ⁽²⁾

In Christi nomine. Amen. Hec est notitia de parti-
con e de devison que fazemos antre nos dos erdamentos e
dos cout[os] e das onras e dos padroadigos das eigreijas
que foran de nosso padre e de nossa madre en esta maneira:
Rudrigo Sanchiz ficar por sa partiçon na quinta do couto
de Viiturio, ena quinta do padroadigo dessa eigreja, en
todolos erdamentos do couto e de fóra do couto; Vaasco San-
chiz ficar por sa partiçon na onra d'Oliveira, eno padroadigo
dessa eigreja, em todolos erdamentos d'Oliveira e enuu casal
de Carapeços que chamam de Olvar e enautro casal en
Ag(u)ias, que chamam Quintãa; Meen Sanchiz ficar por sa
partiçon na onra de Carapeços, enos outros erdamentos, enas
duas partes do padroadigo dessa eigreja, eno padroadigo
dessa eigreja de Creisemil, ena onra, eno erdamento d'Ar-
gúifi. eno erdamento de Lavoradas, e no padroadigo dessa
eigreja: Elvira Sanchiz ficar por sa partiçon nos erdamen-
tos de Centegãos, enas tres quartas do padroadigo dessa
eigreja. eno erdamento de Creixemil, assi os das sextas
come nautro erdamento. Estas partiçons e divisões fazemos
antre nos. Que valham por en secula seculorum. Amen.
Facta karta mense Marcii e. m.^a cc.^a xxx.^a Vaasco Suariz
testis. Vermuu Ordoniz testis. Meen Farripas testis. Gon-
saluu Vermuiz testis. Martin Periz testis. Don Stephan
Suariz testis. Ego Johanes Menendi presbyter notavi(t).

(1) A interpretação que apresentamos do documento tem uma fina-
lidade unicamente filológica e literária. E por isso que pusemos de parte
certas expressões técnicas empregadas pelos paleógrafos, mas que se afas-
tam mais da forma que do sentido do texto.

(2) Do mosteiro de Vairão, Entre-Douro-e-Minho. Guarda-se actual-
mente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Foi publicado por João
Pedro Ribeiro nas *Dissertações chronologicas e criticas sobre a história
da jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, vol. I, pág. 275
(Lisboa, 1810), por José Joaquim Nunes na *Crestomatia Arcaica*, Lisboa,
1906, pág. 11 (a segunda edição, Lisboa, 1921, não o traz) e ainda pelo
Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos na *História da Literatura Portuguesa
Ilustrada*, dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, pág. 9. É um auto
de partilhas.

(A Língua e a Literatura Portuguesa
Pe. Arlindo Ribeiro da Cunha, 1941, págs. 31-32)

O Vale do Tamel

Trata-se de um vale¹ ameno, plano, fecundo, úbere, com micro-clima privilegiado e benéfico, defendido do norte por altas montanhas em semi-círculo, todo banhado pelo sol após o seu nascimento, sem neves no inverno durante o dia, enfim, uma veiga tão produtiva que dela se pode dizer, como na Sagrada Escritura, que é uma *terra onde corre Leite e Mel*¹.

Por esta razão, José Augusto Vieira, sem pôr totalmente de parte a sua designação pela junção das palavras *Tem-mel*, pela abundância da apicultura, contemplando este vale no comboio, desde a estação de Barcelos até à estação de Tamel, descreve-o deste modo:

"Adiante já, o Cávado, sereno como um lago da Suíça, com as suas formosas cascatas desfiando-se além em perolas nevadas, surpreende a nossa retina, que se impressiona vivamente. Mas a locomotiva passa sobre a ponte de ferro, construção da casa Eiffel, elle desliza em baixo como o esmorecimento de uma ballada antiga, e não mais o vemos, porque á rápida visão succedem as upas alegres do comboio, que adivinha perto a Estação de Barcellos.

Presencemos o movimento na *gare*, que é superior ao de Vianna; os minutos correm, o comboio segue. Cortamos um valle delicioso; fica-nos á esquerda S. JOÃO DE VILLA BOA, á direita S. *Mamede de Arcozello* e S. VERISSIMO DE TAMEL, que antigamente pertenceu ao couto de Manhente, tendo o seu abbade a obrigação de dar um jantar por anno ao D. Abbade do mosteiro. Desejando acenar de longe um adeus a Braga, ao chegar á casa do guarda n.º 20 pôde fazer-se, olhando na direcção de ESE., que lá se avista a montanha do Bom Jesus, a umas tres leguas de distancia.

Vae marchando rapidamente o comboio. O campanário branco de SILVA surge ao lado da linha ferrea e desde logo principia a desenrolar-se em um panorama surpreendente o extenso e formoso valle de Tamel, semeado aqui e acolá de aldeias e freguezias reunidas. A gravura de pag. 145, feita sobre uma photographia que devemos á obsequiosidade do ex.^{mo} sr. D. Ruy Lopes de Sousa, reproduz um pouco o aspecto d'esse valle de Tamel; mas, como o leitor comprehende; nem o cliché nem o buril podem dar idéa dos renques de arvoredo, das cambiantes da vegetação, das gradações de luz que formam o encanto d'essa natureza amovel. Apparece-nos depois SANTA LEOCADIA DE TAMEL, alva como camelia viçosa, e em cuja matriz jazem as venerandas reliquias de S. Vamba, abbade beneditino de Moure; CARAPEÇOS, modestamente occulta por entre um

¹ Cfr. Deuteronomio, 26, 9.

bosquesinho de pinheiros novos, e onde ha' um apeadeiro da via ferrea; S. PEDRO FINS DE TAMEL, que para todos os effeitos lhe está hoje annexa. A Carapeços pertence no alto do monte, em cuja encosta a freguezia se reclina, a capella de S. Miguel, que a tradição diz ter sido a primitiva matriz e onde vae ainda em 29 de setembro um clamor festival.

É tambem na freguezia a quinta da Madureira, que foi de João de Carapeços e depois do conde de Barcellos D. Pedro, que a doou a Pedro Coelho, um dos assassinos de Ignez de Castro, passando depois da confiscação dos bens d'este ao arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, que a adquiriu por compra e a emprazou mais tarde aos Figueiredos, de Chaves. Depois segue S. SALVADOR DO CAMPO, onde houve antigamente um convento de freiras beneditinas, que se extinguiu por causa do medo — diz a tradição — que a todas as freiras incutiu um bicho — feio bicho! — que lá entrára; S. THIAGO DO COUTO, que tira o seu nome do couto que pertenceu a este extinto mosteiro; e outras povoações ainda, como as Alvitos, a Alheira, etc., que adiante descreveremos quando mencionarmos a nossa excursão a Roriz.

Os olhos não se cançam de vêr este delicioso valle do Tamel, cuja fertilidade poderosa se adivinha, se palpa quasi, nos taboleiros de milho, nas vinhas de enforcado, nas arvores fructíferas, nos ragatos mansos, nas colmeias agglomeradas. Alguns pensam até, que lhe vem d'aqui o nome *tem-mel*, embora outros julguem que a palavra vem do arabe *Thamel*, sendo certo, porém, que tal nome é antiquissimo, pois se encontra já em uma escriptura de 1028.

Mas de repente, quando os olhos mais sorriem para esta natureza amoravel e que a natureza amoravel sorri para nós, encarnada em uma d'essas bellas camponezas do Tamel, que em um *cliché rapido*, devido á obsequiosidade do ex.^{mo} Sr. D. Ruy de Sousa, podemos obter para um dos chromos, de repente, dizia, a escuridão faz-se, o comboyo entra no maior tunnel da via ferrea do Minho, e através de quasi mil metros, em que se gastam dois minutos e meio, vae a gente pensando em que o valle do Tamel foi uma visão feiticeira, e repetindo baixinho aquelles versos de João de Deus:

"A luz, quando se apaga,
Leva aos olhos a luz..."¹

É uma explicação sentimental.

¹ Cfr. "O Minho Pittoresco", José Augusto Vieira, Tomo II, Valença, 1987, pgs. 151 e 152.

Índice

Introdução	5
A “Estação do Tamel” um erro histórico	7
O “Senhor Carapeços”	9
Tamel e São Tamel	11
São Tamel	13
São Tamel no Martirológio	15
São Tamel e os romanos	17
(Brochado de Almeida nas “breias” do TAMEL)	19
São Tamel. Considerações.	21
São Tamel. Síntese conclusiva.	23
O Rio Tamel	25
Em apêndice: ‘A Escola em festa’	27

Apêndice

O mais antigo documento português (1192)	30
O Vale do Tamel	31

biblioteca
municipal
barcelos



60037

As terras de S. Tarnel